

## AS ALCOVITEIRAS VICENTINAS

Nelly Novaes Coelho

### I — Antecedentes literários da Alcoviteira em Gil Vicente

Criticando lúcidamente o mundo que o rodeou, não escapou Gil Vicente de retratar, em seus Autos e Farsas, uma das figuras sociais mais atraentes e combatidas desde os mais remotos tempos: a Alcoviteira.

E' realmente antiqüíssima, na literatura, a presença desse singular tipo humano. Já no século I a. C., com sua **Ars Amatoria**, cuja idéia central é a aventura amorosa cultivada e perseguida por todos os meios, Ovídio teria formulado, talvez, a mais antiga corporificação literária do tipo, no personagem que ensina aos homens e mulheres os modos de procurar, conquistar e conservar o amor. "Sed prius **ancillam** captandae nosse puellae / Cura sit; accessus molliet illa tuos"; (Mas antes, tenha cuidado em conhecer a **criada** da jovem a ser conquistada; ela facilitará teu acesso;). Assim, mostra êle que um dos meios mais seguros para conquistar a mulher seria ir através de um intermediário; no caso, a criada.

Também a comédia latina, **Pamphillus** (1), obra erótica de autor desconhecido, divulgada no século XII, teria contribuído para a formulação literária do tipo, com a atuação de Vênus, a quem Pamphillus recorre quando se apaixona (2).

---

(1) — J. de Ghellinck — *L'Essor de la Littérature Latine au XIIe. siècle*. 2ème. ed., Museum Lessianum, Desclée de Brouwer, Paris, 1954. "Le Pamphillus représente sous une de ses formes les plus provocantes le machiavélisme amoureux. (...) le Pamphillus (...) a voulu réécrire un *De arte amandi*, que ne pouvait évidemment pas égaler son modèle (Ovide)..." (págs. 478-482).

(2) — Estas foram as "presenças" literárias mais antigas que conseguimos rastrear entre os estudiosos. Ouvimos, porém, falar de certa obra árabe, *El Collar de Palomar*, de Aben Azm, divulgada no século XI, onde consta que

Segundo os críticos, aquêles personagens ovidiano e ainda **Pamphillus** estariam nas origens da primeira nítida configuração da alcoviteira, historicamente documentada: a velha Trotaconventos. E' no século XIV que essa “vieja artera e maestra y de mucho saber” (3) entra definitivamente para a literatura, pela mão do extraordinário Juan Ruiz, el Arcipreste de Hita — um monge verdadeiramente peculiar. Entra ela como a “mediadora” do amor carnal, a quem o Arcipreste procura, para ajudá-lo em seus amôres com Doña Endrina; e que faz por êle muito mais do que “Doña Venus por Pánfilo non pudo jamás hacer” (4).

A velha Trotaconventos já apresenta tôdas as características que vão, daí por diante, definir claramente o tipo. Vendendo jóias e mil pequenos adornos para as môças, podia ela penetrar na intimidade das famílias e unir assim, sagazmente, o seu officio de vendedora ao encargo de facilitar o “jôgo do amor”.

E', porém, com sua sucessora literária, a **Celestina**, de Fernando Rojas, aparecida no século XV, que as linhas básicas da personalidade e atuação da alcoviteira vão ser, na literatura, ampliadas e enriquecidas em profundidade psicológica.

O arcabouço psicológico da alcoviteira foi realmente configurado na Trotaconventos em todos os seus aspectos fundamentais; a Celestina, entretanto, veio dar maior desenvoltura ao tipo, colocada como o foi dentro da unidade de uma intensa ação dramática: a atração amorosa entre Calisto e Melibea. Firmaram-se, assim, definitivamente os contornos dessa singular personalidade que é a alcoviteira: mulher madura, experimentada, dona de uma astuta sabedoria prática, conhecedora profunda de todos os desvãos das paixões humanas e convicta de que, no fundo, são estas que regem a vida.

---

já aparecem bem delineadas as características dessa personagem literária. Entretanto não conseguimos localizar a obra e agradeceríamos qualquer informe a respeito...

(3) — Juan Ruiz — *El Libro del Buen Amor*. Editor M. Alfredo Angulo, Buenos Aires, 1939, pág. 101.

(4) — *Ibidem*, pág. 101.

“Has de saber, Pármeno, (diz Celestina ao criado que lhe fala da paixão que devora seu amo) que Calisto anda de amor quejoso. Y no lu juzgues por eso por flaco, que el amor sin desahogo todas las cosas vence. Y sabe, si no sabes, que dos conclusiones son verdaderas. La primera, que es forzoso el hombre amar a la mujer y la mujer al hombre. La segunda, que el que verdaderamente ama es necesario que se turbe con la dulzura del soberano deleite, que por el Hacedor de las cosas fue puesto, porque el linaje de los hombres perpetuase, sin lo cual perecería.” (5).

Acreditamos que é essa crença na legitimidade dos fins a que se devota em seu ofício, a pedra básica da estrutura psicológica da alcoviteira; e dela decorre, sem dúvida alguma, a falta de censura moral com que ela age, no encaicho de seus objetivos: vencer a resistência da mulher cobiçada para agradar ao homem apaixonado.

Vemo-la agir sempre tranqüilamente, com a segurança moral que lhe deve vir dessa crença no valor positivo e quase sagrado das paixões, cuja força (sabe-o ela bem...) uma vez desencadeada nada consegue deter. E' o que nos diz Celestina mais de uma vez; é o que ela explica a Pármeno, preocupado com o patrão:

“...he conocido menos apaixonados e menos metidos en este fuego de amor, que a Calisto veo. Que ni comen, ni beben, ni rien, ni lloran, ni duermen, ni velan, ni hablan, ni callan, ni penan, ni descansan, ni están contentos, ni se quejan, según la perplejidad de aquella dulce y fiera llaga de sus corazones. (...) Allí tienen los cuerpos; con sus amigas los corazones y sentidos. Mucha fuerza tiene el amor: no sólo la tierra, mas aun las mares traspasa, según su poder. Igual mando tiene en todo género de hombres. Todas las dificultades quiebra.” (6).

Dêsse conhecimento do coração humano lhe vem, pois, as manhas e as artes que caracterizam o seu ofício. E, como te-

---

(5) — Fernando Rojas, *La Celestina*. Editorial Sopena Argentina S. A., Buenos Aires, 1958, 4a. ed., pág. 27.

(6) — *Ibidem*, pág. 80.

ria nascido êsse ofício? Como teria surgido êsse tipo social tão bem captado pela literatura? Não será, talvez, difícil imaginarmos. E' evidente que tempos terá havido em que a função da "mediadora" deveria ser perfeitamente inútil, pois as relações homem-mulher deveriam processar-se livre e naturalmente como o crescimento das plantas ou o correr dos rios. No momento, porém, em que nos agrupamentos humanos o instinto sexual (por quaisquer razões que fôsem!) passou a ser olhado como pecado ou como transgressão e precisou ser refreado, codificado por leis orais ou escritas, então, a atuação de um agente intermediário deve ter-se impôsto como uma necessidade. A dificuldade de livre contacto entre homens e mulheres; o vigiado enclausuramento das mulheres e a indiscutível existência da atração amorosa (e do "fruto proibido") devem forçosamente ter gerado essa criatura estranha, procurada e adulada por uns, odiada e perseguida por outros.

Seria interessante que se fizesse um estudo das raízes e condições da existência da "mediadora" que, como tipo social, persiste através dos tempos e através dos costumes com uma vitalidade indiscutível. E' só prestarmos atenção aos aspectos que êsse tipo adquiriu, por exemplo, em nossos tempos, de acôrdo com as novas condições de vida; a literatura e o cinema continuam fornecendo exemplos... Dessa vitalidade podemos, certamente, deduzir que mudam os tempos, mudam as leis e os costumes, mas a natureza humana persiste inalterável. E daí... a continuidade da função básica da alcoviteira: satisfazer as paixões ou caprichos amorosos dos homens que solicitam seus serviços ou procurar enamorados para as mulheres que os desejam e não os podem encontrar diretamente.

"La naturaleza huye lo triste y apetece lo deleitable" (7), diz Celestina justificando seus conselhos e logo mais adiante define sua posição entre os homens: "... soy una vieja **cual Dios me hizo**, no peor que todos. Vivo de mi oficio, como cada cual oficial del suyo, **muy limpiamente**. A quien no me quiere **no le busco**. De mi casa

---

(7) — *Ibidem*, pág. 30.

me vienen a sacar, em mi casa me ruegan. Si bien o mal vivo, **Dios es el testigo de mi corazón.**" (8).

E' exatamente dentro dêsse arcaouço psicológico que Gil Vicente apresenta a sua galeria de "mediadoras": Branca Gil, Ana Dias, Brízida Vaz e Genebra Pereira (9). Tôdas elas, estejam em suas costumeiras atividades, (como Branca Gil e Genebra Pereira) ou em julgamento (como Ana Dias e Brízida Vaz) apresentam a mesma estrutura interna, a mesma tranquilidade moral demonstrada pela velha Trotaconventos e pela Celestina; comportando-se tôdas elas de uma maneira extraordinariamente coerente com aquela psicologia. Embora diferentes entre si guardam elementos comuns que as identificam como pertencentes a uma mesma espécie social.

## II — A Estrutura Psicológica da Alcoviteira Vicentina

Da galeria vicentina, a alcoviteira que se nos apresenta mais completa em sua retratação psicológica e que pode ser apreciada num círculo mais ou menos completo de ação é a **Branca Gil de O Velho da Horta**, Farsa "representada ao mui serenissimo Rei Dom Manuel o primeiro deste nome, era do Senhor de 1512" (10).

Apesar de ser a mais completa, do ponto de vista de criação de personagem, Branca Gil não foi, cronològicamente, a primeira a ser apresentada, foi a segunda. Antes dela apareceu Genebra Pereira, do **Auto das Fadas** que, segundo Braamcamp Freire, foi representada em 1511 diante de D. Manuel e de sua côrte (11). A terceira foi a Brizida Vaz que aparece no **Auto da Moralidade, A Barca do Inferno**, representada em 1517,

---

(8) — *Ibidem*, pág. 103.

(9) — Deixo de incluir aqui a Leonor Vaz, da **Farsa Inês Pereira**, por não nos parecer que ela apresente as características essenciais ao tipo, muito embora paulo Quintela a tenha incluído no rol das "alcovetas" de G. V. no estudo que fez no **Auto da Moralidade da Embarcação do Inferno**. Coleção Atlântica, 1946, Coimbra, pág. 285.

(10) — Gil Vicente, **Obras Completas**, vol. V, Livraria Sá da Costa Editôra, Lisboa, 1944, pág. 141.

(11) — *Ibidem*, pág. 177.

“pera consolação da muito catholica e sancta Rainha Dona Maria, estando enferma do mal de que faleceu” (12). E a última, a Ana Dias de **O Juiz da Beira**. Farsa “representada ao mui nobre e christianissimo Rei D. João, o terceiro em Portugal dês-te nome, em Almeirim na era do Senhor de 1525” (13).

Foi portanto em 1512, vinte anos após a aparição da **Celestina**, que Gil Vicente cria Branca Gil, sem, contudo, ater-se limitadamente ao modêlo. Ao tentarmos analisar-lhes a personalidade (que, em seus pontos básicos, se repete nas demais), verificamos que a primeira linha a firmar seus contornos é a da **procura** de que a alcoviteira é objeto, por parte dos enamorados. Não é ela que atrai as suas “vítimas”, mas sim estas é que a solicitam ardorosamente.

Assim, quando Branca Gil entra na horta do Velho e o saúda cortezmente: “Mantenha Deos vossa mercê”. Êste a recebe com efusão:

“Bofé, vós venhais embora,  
Ah sancta Maria senhora,  
Como logo Deos provê!”

Ao que ela responde prontamente:

“Eu venho por misturadas  
e muito depressa ainda.” (14).

Ela frisa, pois, que não ia à procura de cliente, mas sim para comprar verduras. E’ o Velho apaixonado que solicita os seus serviços. Em tôdas as outras “mediadoras” êste pormenor é sempre igual: são elas, em primeiro lugar, as solicitadas, as aduladas para que livrem alguém de uma dor que parece matar: o desejo de amor.

Num monólogo mui pitoresco do **Auto das Fadas**, Genebra Pereira, relatando o “porquê” de usar suas magias e alcovitices, também reforça essa atitude, explicando que, sendo

---

(12) — *Ibidem*, pág. 39 do vol. II.

(13) — *Ibidem*, pág. 273 do vol. V.

(14) — *Ibidem*, pág. 158 do vol. V.

solicitada por gente que tanto sofre, seria muito malvada se não atendesse aos rogos.

“Vem a modo de dizer  
Gonçalo da Silva a mi,  
e diz-me que he hora de si  
pola Francisea da Guerra;  
**Queres que seja eu tão perra**  
que o não encomende ó demo,  
que o **livre do extremo**  
em que he posto seu espirito?  
(...)  
E se me rogar Dom Francisco  
que lhe enfeitice a Benim,  
**s’eu não for muito ruim,**  
não lhe posso negar cousa.” (15).

E vai ela por aí além, numa longa enumeração das pessoas que solicitam seus favores, pessoas que são conhecidas na Corte (16). Quem saberia dizer ao certo a reação causada na assistência o ouvir nomes conhecidos, na bôca das personagens vicentinas e em tais circunstâncias? Riso, espanto, vergonha?... Difícil dizê-lo.

Outra das características marcantes da alcoviteira é a sua **sagacidade**. Uma espécie de saber que poderíamos chamar de **sabedoria prática**. Suas reflexões acêrca dos homens, do amor, da justiça, etc., são tão lúcidas e hábeis que, se às vêzes são repelidas pela nossa moral, dificilmente a nossa lógica as rejeita.

Veja-se, por exemplo, a reação de Branca Gil ao ouvir do Velho da horta seus receios de ser ridicularizado por se ter apaixonado em tal idade:

“Veio o Amor sôbre tenção,  
e fez de mi outro Mancias (17)

---

(15) — *Ibidem*, pág. 182 do vol. V.

(16) — Em notas de rodapé, a Edição Sá da Costa que nos serve de base as vai identificando.

(17) — Nota da Edição consultada: “e fêz de mim um apaixonado. O nome do famoso trovador galego do século XIV, tornou-se na Península sinônimo de apaixonado”, pág. 158.

tão penado,  
que de muito namorado  
creio que me culpareis  
porque tomei tal cuidado;  
e do velho destampado  
zombareis.” (18)

Longe de espantar-se ou de zombar como êle temia, Branca Gil diz-lhe aquilo que o Velho queria ouvir:

“Mas antes, senhor, agora  
**na velhice anda o amor;**  
o da idade d’amador  
de ventura se namora:  
e na côrte  
**nenhum mancebo de sorte  
não ama como sohia.**  
Tudo vai em zombaria  
nunca morrem desta morte  
nenhum dia.” (19).

Por aí vemos o conhecimento que ela possuía do coração do homem. Sua longa experiência e sagacidade natural lhe haviam mostrado quão mais profundo e sólido é o amor do homem maduro, do homem que, já tendo percorrido a maior parte do caminho, tende a agarrar-se às sensações duradouras que funcionem, talvez, como âncoras emocionais. Daí o ser muito mais intenso o amor no homem maduro do que no jovem que, com o ardor da mocidade e a longa estrada ainda à vista, tende à superficialidade das sensações. Sem dúvida era isso o que julgava Branca Gil ao apoiar aquela paixão seródia e também ao “aliviar” hábilmente a consciência do Velho, pela justificação de seu tardio amor.

“E folgo ora de ver  
Vossa mercê namorado;  
que o homem **bem criado**  
**até a morte o ha de ser**  
por direito

---

(18) — *Ibidem*, pág. 159 do vol. V.

(19) — *Ibidem*, pág. 159 do vol. V.

não por modo contrafeito  
mas firme, sem ir atrás,  
que a todo o **homem perfeito**  
**mandou Deus no seu preceito:**  
Amarás.” (20).

Aí está um dos sucessos da alcoviteira: ela conhece o caminho do coração do homem, conhece as suas debilidades e anseios e, como boa diplomata, diz exatamente aquilo que êle deseja ouvir.

Como boa alcoviteira, Branca Gil também praticava as magias do feitiço.

“D’antemão  
faço hua esconjuração  
c’Hum dente de negra morta  
ante que entre pola porta,  
que exhorta  
qualquer duro coração.” (21).

Mas, valendo-nos do que Gil Vicente deixa transparecer pelo decorrer da trama, seu sucesso vinha de sua extraordinária astúcia e sabedoria humana e não dos seus feitiços.

Êstes foram muito mais largamente usados por Genebra Pereira, no Auto das Fadas, que os descreve minuciosamente, justificando-se, maliciosa, de suas artes:

“e por feitiços que eu faço  
**dizem** que sou feiticeira.  
Porém Genebra Pereira  
nunca fez mal a ninguém  
mas antes **por querer bem**  
ando nas encruzilhadas  
às horas que as **bem fadadas**  
dormem **sono repousado.**” (22).

Nesta sua alcoviteira, Gil Vicente retrata bem o uso dos bruxedos que dominou a Idade Média. A feitiçaria, o pacto com o diabo, os filtros encantados eram os meios de que se uti-

---

(20) — *Ibidem*, pág. 159 do vol. V.

(21) — *Ibidem*, pág. 160.

(22) — *Ibidem*, pág. 179.

lizavam normalmente as “mediadoras do amor”. E é interessante notarmos aqui, com Genebra Pereira, a habilidade usada para justificação da utilidade de seus serviços:

“Assi que as taes feitiçarias  
são, Senhor, obras **mui pias**  
e não ha mais na verdade.  
Saiba Vossa Magestade  
quem he Genebra Pereira,  
que sempre quis ser solteira,  
**por mais estado de graça.**” (23).

Não é, contudo, por pura generosidade que assim agem as alcoviteiras. Cooperam para a felicidade de seus clientes, mas cobram bem pelos seus serviços. Aliás a **ambição de ganho** é dos defeitos de que mais são acusadas pelos seus “beneficiados”. E’ outra característica comum a tôdas elas, a **cobrança** de seus favores; que como são favores para alma, para o coração, não têm preço limitado.

Assim tôdas cobram pelos seus préstimos, dando-nos a impressão, a uma primeira vista, de que exploram a boa fé dos que as procuram. Porém, analisando-as mais de perto, chega-se à conclusão de que essa faceta de sua personalidade completa, coerentemente, a sua estrutura interna e não tem absolutamente a marca da avidez que lhe suspeitamos a princípio.

O que se nos torna patente quando as analisamos por êsse prisma é que elas agem como justos e honestos negociantes, preparando hàbilmente o terreno para os negócios e só falando em preço no fim das conversações: o que não deixa de ser um traço de elegância de atitude. As alcoviteiras vicentinas (ao contrário da Celestina, a nosso ver. . .) não demonstram em absoluto a avidez pelo dinheiro como, por exemplo, o faz o judeu.

Ao sair para procurar a rapariga por quem o Velho se apaixonara, o que lhe diz Branca Gil?

“sus, nome de Jesu Christo  
**olhae-me pola cestinha**” (que ela levava para carregar  
as verduras);

ao que responde o Velho:

“Tornae logo mui asinha (bem depressa)  
**que eu pagarei bem isto.**” (24).

Assim como êste, todos os outros clientes estão sempre prontos e mesmo ansiosos para pagar seus serviços; nenhum regateia o preço, nenhum reclama. O mesmo Velho, quando Branca Gil volta com o recado de que a môça cederia, mas que isso lhe ia ficar caro, responde pressuroso:

“**Eu lhe peitarei grosso,** (pagarei generosamente)  
(...)  
Seja ela disso servida,  
qu’escusada he mais contenda.” (25).

E autoriza-a a gastar o que fôsse necessário para conquistar as boas graças da amada.

O único, por exceção, que surge para reclamar o ter sido explorado foi o Escudeiro, em o **Juiz da Beira**, a quem a alcoviteira Ana Dias teria convencido a gastar muito, se quisesse alcançar a prenda cobiçada:

“E se vós quereis vencê-la,  
andem os dinheiros bastos,  
e não receeis os gastos  
em tal moça como aquella.  
(...)  
porque não se tomam trutas  
assim a bragas enxutas,  
**nem se ganha o paraiso**  
**senão com offertas muitas.**” (26).

Entretanto sua reclamação contra a alcoviteira só conseguiu isentá-la de culpa e tornar patente que êle mesmo, de início, havia oferecido mais do que ela pedira e que se não alcançou os favores da moura por quem se apaixonara, não foi por culpa de Ana Dias, mas da própria moura que era muito ambiciosa e exigia sempre mais e mais como preço da posse.

---

(24) — *Ibidem*, pág. 169.

(25) — *Ibidem*, pág. 170.

(26) — *Ibidem*, pág. 298.

Notemos, pois, que essa ambição de ganho, a que nenhuma alcoviteira escapa, aparece norteadada por uma certa moral primitiva, difícil de ser classificada. E' o "toma lá, dá cá" de uma justiça natural.

E' a mesma Ana Dias que exclama prontamente quando acusada de engano e burla: "Enganei! Nunca Deos queira"! (27) Para ela, como para as demais, receber a paga de seus serviços era tão natural como o seria para qualquer trabalhadora. E temos a impressão de que, apesar de haver severas penalidades legais para êsse tipo de atividades (28), Gil Vicente não veria nisso grande crime; pois, quando o Escudeiro pede de volta o seu dinheiro, a sentença do juiz Pero Marques foi:

"Desde aqui sentenceo eu  
**a moeda por perdida**  
como alma de judeu.  
(...)  
I-vos embora, Escudeiro,  
e nunca peçais dinheiro  
**que gastastes per amores.**" (29).

E' verdade que o juiz Pero Marques é apresentado na Farsa como um tolo; porém Gil Vicente usou muito os tolos e parvos, para dizer verdades ocultas por detrás de hipocrisias.

O que podemos afirmar é que as alcoviteiras do teatro vicentino possuem uma certa espécie de honestidade; Gil Vicente empresta-lhes uma sombranceria e mesmo um orgulho de ofício que, examinado friamente, através dos padrões morais tradicionais da sociedade, seria rebaixado ao nível da mais abjeta velhacaria. Porém a verdade é que sentimos êsse "orgulho" singular nestas "mediadoras", a quem, inegavelmente, o genial dramaturgo dedica uma espécie de indulgência e mesmo um respeito indisfarçável...

(27) — *Ibidem*, pág. 295.

(28) — "Qualquer pessoa assi home como molher q. alcouveitar alguma molher casada: ou consentir q. em sua casa faça maldade de seu corpo: moura por elo: e perca todos seus bens: a metade pera nossa camara e a outra metade pera quem o acusar." (*Ordenações Manoelinas*. Edição João Crôberger, Sevilha, 1539, pág. 488, Livro V, Título XXIX.

(29) — Gil Vicente, *op. cit.*, pág. 301.

### III — A posição de Gil Vicente frente à alcoviteira

Qual teria sido a intenção de Gil Vicente ao introduzir em seu teatro a representação de tão desonrosa atividade? A primeira idéia que nos ocorre é a da intenção **moralizante**, que parece ser a base de seu teatro. Isto é, a intenção de mostrar o **MAL**, suas conseqüências, inconvenientes e castigos. E isso, de uma maneira geral, realiza genialmente o Mestre da Balança; pois com o “à vontade” com que vai jogando com suas personagens e pequeninas intrigas, com o cômico, o grotesco ou o burlesco com que vai vestindo suas críticas mais profundas e sérias, nos dá êle uma esplêndida visão da sua época, englobando homens, usos, instituições, virtudes, vícios, etc., em sua arte pioneira na Península.

Porém, ao sentirmos o tratamento dado às suas alcoviteiras, uma pergunta foi-se desenhando em nosso espírito: Qual seria a verdadeira atitude do Autor frente a essas mesquinhas criaturas? Só a de verdugo? A de um cínico? Considerava-as realmente um mal que deveria ser extirpado da Sociedade, como rezavam as leis?

A primeira tendência foi pensar que a posição de verdugo prevalecia; mas, à medida que líamos e relíamos as peças, fomos verificando que nem tôdas terminam com a punição de seus crimes de alcovitice. Muito ao contrário, sente-se uma aceitação implícita do Autor; ou, por outra, se não chega a ser aceitação, pelo menos é tolerância.

Veja-se, por exemplo, no **Auto das Fadas**, o que diz Genebra Pereira ao repudiar um frade desonesto que lhe oferecia ajuda:

“Olhade a gente honrada.  
Que me trazia o ladrão!  
Hum que foi amancebado,  
alcoviteiro provado,  
e hum frade rafião.  
**Sabeis quão mal me parecem**  
pessoas de mao viver?”

Mais cá moscas m'aborrecem,  
não nas posso ouvir nem ver." (30).

Essa simpatia, que sentimos implícita na maneira como Gil Vicente apresenta as suas alcoviteiras, não nos autoriza a atribuir-lhe a intenção de ironizar ou ridicularizar êsse tipo social; mas, antes, revela uma atitude de profunda e talvez amarga compreensão da sua "razão de existir", dentro daquele organismo social e também revela a crença de que lei nenhuma poderia extingui-la. Notemos também aqui, nessa passagem, que Gil Vicente usa um tipo social de baixa classificação, como a alcoviteira, para atacar a desonestidade de um membro do clero, uma das classes mais poderosas da época. Nisso evidencia-se bem a arte com que êle exerceu a crítica em seu teatro; pois, ao tomarmos conhecimento das várias Ordenações Afonsinas e Manuelinas que se ocupam de penalidades a serem impostas ao clero, por desmandos morais, vemos que êste estava precisando talvez ser admoestado em público. E sa-gaz foi Gil Vicente ao tecer essa crítica pela bôca de quem não estaria absolutamente habilitada a fazê-lo: a alcoviteira.

Uma das Ordenação Manuelinas, que versavam sôbre as alcoviteiras, impunha-lhes castigos severos (31), mas, pelo que nos mostra o teatro vicentino, apesar de os castigos serem constantemente aplicados não impediam a proliferação do tipo.

Branca Gil, ao ser prêsa, enfrenta o Alcaide sem violên-cia, nem humilhação, mas antes com a altivez de um nobre, que, mesmo sendo injustiçado, continua fidalgo em seu comporta-mento:

"Onde me quereis levar?  
Ou quem me manda prender?"

---

(30) — *Ibidem*, pág. 200.

(31) — Livro V, Título XXIX, pág. 488 — "E em todos os casos sobreditos (de alcoviteira) em que alguma mulher for condenada por alcoviteira em alguma das penas sobreditas onde nō aja de morrer ou hir para ylha de Santomé; tragua sempre polayna: ou enxaravia (carapuça) vermelha na cabeça fora de sua casa e assim se ponha na sentença e nom a trazendo: seja degradada pera sempre pera ylha de Santomé." (Ordenações Manoelinas).

Nunca havedes d'acabar  
de me prender e soltar?  
**Não ha poder.**" (32).

Por êsses três últimos versos, acreditamos que Gil Vicente traduz a íntima certeza da inutilidade da repressão ao vício. "Não há poder", diz Branca Gil, sintetizando sua crença na necessidade e utilidade de seu ofício, numa sociedade em que o instinto sexual era considerado um pecado. Era como se dissesse: "Não há poder no mundo que consiga anular-me, pois eu vivo para auxiliar a satisfação das paixões humanas e por isso os homens encarregar-se-ão de conservar-me em meu pôsto".

Essa certeza na continuidade de seu destino está claramente expresso na sua última fala da Farsa:

"Esta já a **corocha aviada.** (33)  
Tres vezes fui ja açoutada  
e **emfim hei de viver.**" (34).

A referência aos açoites aparece também na bôca de tôdas elas, como uma espécie de expiação pelo que de errado os homens encontram em sua profissão de "mediadoras"...

Assim, em **A Barca do Inferno**, Brízida Vaz chega a ver-se como uma mártir e o diz ao diabo:

"Hui! eu vou par'ó Paraiso  
(...)  
La hei d'ir d'esta maré.  
**Eu sou hua mártel tal,**  
**açoutes tenho eu levados**  
**e tormentos suportados,**  
que ninguém me foi igual.  
S'eu fosse ao fogo infernal  
**lá iria todo o mundo.**" (35).

(32) — Gil Vicente, *op. cit.*, pág. 173.

(33) — "corocha = do castelhano "coroza" (carapuça). Cf. *A Celestina* "si con el hurto soy tomada, nunca de muerta o encorozada falto, a bien librar". Este castigo infamante da corocha e dos açoites que se applicava às alcoviteiras topamo-lo (também) na *Farsa do Velho da Horta*." (Cf. *Auto da Moralidade...* apresentado por Paulo Quintela, pág. 300.

(34) — Gil Vicente, *op. cit.*, pág. 173.

(35) — *Ibidem*, pág. 65.

Por essas palavras vemos que Brízida Vaz considerava injusto o castigo depois da morte, uma vez que seus pecados já haviam sido pagos na terra com açoites e com sofrimentos. E com sua última fala ao Corregedor que chega à Barca dos danados, certificamo-nos da conformidade fatalista com que ela acolhe o seu destino de incompreendida e de injustiçada pelos homens e por Deus. Saúda-a o Corregedor:

“Estei muito aramá  
Senhora Brizida Vaz.”

Ao que ela responde:

“Já siquer estou em paz,  
que não me leixaveis lá.  
**cada hora encoroçada**  
**justiça que manda fazer.” (36).**

E’ interessante notarmos ainda que Gil Vicente se absteve de pintar uma única cena em que a alcoviteira apparecesse desencaminhando as môças (como acontece em **A Celestina**), ocasião em que ficaria patente a sua influência perniciososa e censurável. E’ sempre às voltas com os homens que procuram seus favores que as vemos agir; os seus contactos com as mulheres não nos foram revelados nunca.

Lidando com nobres, plebeus ou clérigos, as alcoviteiras cumprem o seu dever com a eficácia de um funcionário britânico (tido como o protótipo do funcionário perfeito!). Por essa variedade de tipos que procuram as suas alcoviteiras, vemos que Gil Vicente deixava clara a igualdade dos homens no que concerne às paixões físicas. Os arroubos amorosos dos clérigos são dos que mais realçados se apresentam, sempre com a superioridade moral da alcoviteira (o que não poderia deixar de ser intencional...). Lembramo-nos, a respeito, do que diz Brízida Vaz, ao apresentar-se ao Anjo:

“Eu sou Brizida, a preciosa,  
(...)  
a que criava as meninas  
pera os conegos da Sé.” (37).

E assim, servindo os cônegos, ficam elas com a impressão de estarem servindo a Deus. E continua Brízida Vaz num linguajar muito doce e pitoresco:

“Passae-me por vossa fé,  
meu amor, minhas boninas  
olhos de perlinhas finas:  
e eu sou apostolada  
angelada e martelada  
e fiz obras mui divinas.” (38).

Essa atitude e palavreado pitoresco da alcoviteira justificando seus atos devia ser, certamente, de grande efeito cômico. Comicidade essa que não deveria impedir um certo mal-estar no clero presente às representações e que não nos impede, também, de supor que elas estivessem sendo realmente sinceras quando pensavam obter graças divinas servindo aos representantes de Deus.

Essa suposição não parecerá tão absurda ou ridícula, se lembrarmos que Gil Vicente escreveu seus Autos e Farsas no século XVI, portanto uma época social muito mais primitiva e inculta do que a do século XIX, quando, no mesmo Portugal, surge o **Crime do Padre Amaro** e, com êle, a pobre Amelinha que acreditava que, amando o padre, encurtava o caminho para o céu. Guardadas as devidas diferenças, no fundo, a credulidade é a mesma.

Assim, se atentarmos bem para a **natureza** da ação das alcoviteiras, notamos que Gil Vicente as enquadrava dentro de uma Moral utilitarista. Pois o que se nos torna claro, após uma tosca análise, é que elas não agem tendo como objetivo o mal, mas sim a satisfação dos desejos alheios, com a compensação de seu interesse particular, que era a paga de seus trabalhos.

---

(37) — *Ibidem*, pág. 37, vol. II.

(38) — *Ibidem*, pág. 66, vol. II.

Daí deve decorrer a tranqüilidade de consciência que elas demonstram; tranqüilidade e habilidade iguais aos dos países colonialistas que vivem da exploração de suas colônias, sob a alegação de levar para elas a civilização e o progresso.

#### IV — A Linguagem Vicentina

Uma das grandes qualidades apontadas pela Crítica no teatro vicentino é o realismo e a verossimilhança com que falam as suas personagens, cada qual expressando-se dentro dos limites exatos da sua personalidade.

Nas alcoviteiras podemos perceber bem essa obediência ao real que é o apanágio da arte vicentina. Falam elas, em perfeita conformidade com as exigências do momento e com as características de seu tipo.

Notemos, por exemplo, a delicadeza das imagens usadas por Branca Gil, ao descrever a rapariga por quem o Velho se apaixonara:

“He bonita como estrella,  
hua rosinha d’Abril  
hua frescura de Maio  
tão manhosa, tão subtil!” (39).

Esse falar poético, cortês, delicado, que revela certo grau de cultura, pode parecer talvez produto da hipocrisia, no afã de agradar o freguês; entretanto decorre êle normalmente da coerência psicológica da alcoviteira. Conhecendo muito bem o seu ofício (como já tivemos ocasião de ver) e justificando-o sempre que pode, Branca Gil (como tôdas as outras alcoviteiras vicentinas) exerce-o com tôda a altivez de uma trabalhadora honesta. Esse orgulho, (de que já falamos) muito próprio de quem sente que cumpre o seu dever, está patente no comportamento e linguagem de tôdas.

Numa ladainha jocosa (em que Branca Gil invoca cortesãos, poetas e damas do Paço, como se fôssem santos e que por

muito terem amado, deveriam auxiliar o Velho em seus amôres), Gil Vicente mostra-nos quão generalizado estava o “mal do amor” e parece perguntar: “Se louvamos uns por amarem, por que castigarmos outros por auxiliarem o amor?”

Por essa ladainha, temos também a oportunidade de conhecer bem o tipo de linguagem elevada, ainda que irônica, que usa Branca Gil. Aí temos uma adjetivação muito rica e sugestiva, um vocabulário poético que nos certifica de que Branca não é uma simples e inculta velha do povo. E’ possível mesmo que as alcoviteiras fôsem criaturas que por qualquer circunstância houvessem crescido em um meio mais ou menos culto, o que poderia justificar os seus conhecimentos e a desenvoltura de suas atitudes.

“Eu sam Genebra Pereira”, diz a alcoviteira do **Auto das Fadas** ao se apresentar,

“que moro ali à Pedreira  
vizinha de João da Tara  
solteira, ja velha amara,  
sem marido e sem nobreza;  
fui criada **em gentileza;**  
**dentro nas tripas do Paço.**” (40).

Creemos que é aceitável esta hipótese de as alcoviteiras se terem criado à sombra do Paço, pois assim explica-se a linguagem cuidada que apresentam; que, se não chega ao eruditismo ou preciosismo das damas que aparecem, por exemplo, no **Amadis de Gaula** ou no **D. Duardos** (suas duas tragi-comédias em castelhano), também não é grosseira ou inculta como a dos negros, camponeses, etc.

A única em que podemos notar um falar mais grosseiro é em Ana Dias, do **Juiz da Beira**. Nela existe também um outro pormenor que a distingue das demais: Ana tem uma filha que também fôra vítima dos enganos do amor e vai queixar-se ao Juiz. Com êsse episódio relatado por Ana Dias, em linguagem muito crua, diante do Juiz, Gil Vicente revela um curioso cos-

tume, constante das Ordenações Afonsinas (41); pois terminada a denúncia do que fôra vítima a môça, diz o Juiz:

“Pai! pai! venha a rapariga,  
e veremos que ella diz:  
e como diz a cantiga,  
**traga as testemunhas ca,  
sete ou oito abastarão.”** (42).

Porém não deveria ser muito fácil arranjar as tais testemunhas exigidas pela lei, para provar que não houve adesão da parte da mulher e sim que ella foi forçada, porque Ana Dias responde prontamente:

“Senhor, se não for per rezão  
**nunca s’isso provará:**  
Que era o pão (trigal) onde os achei  
mais alto do que he essa vara.”

Ao que responde o Juiz:

“S’ella mesma não folgára  
**chamára ella quedelrei.”** (43).

---

(41) — Livro V, Título VI — Da molher forçada e como se deve provar a força. “ElRey Dom Affonso o Quarto, da muito louvada e esclarecida memoria, em seu tempo fez ley en esta forma, que se segue. (...) Se alguma molher forçarem em povoado, que deve fazer querella en esta guisa, dando grandes vozes, e dizendo, vedes que me fazem, hindo per tres ruas: e se assy fazer, a querella seja valedoira: e deve nomear o que a forçou por seu nome. Honde dizemos, que se alguma molher forçarem em deserto, que deve fazer os cinco signaaes, que foram escritos em como se deve fazer a querella: e os cinco signaaes compridos, e acabados, está o corpo em perigo: e se destes minguar hum, a querella seja nenhuma, e o preso logo seja solto, ca assy quer ElRey. E estes som os cinco signaes: ella na ora, que o homem della travar, deve dar grandes vozes, e braados dizendo, vedes que me fez foam, nomeando-o por seu nome: e ella deve seer toda carpida: e ella deve vir pelo caminho dando grandes vozes: queixando-se ao primeiro e ao segundo e ao terceiro e des y aos outros todos que achar: e ella deve vir aa Villa sem tardamento nenhum: e ella deve hir aa Justiça, e nom entrar em outra casa, senom directamente se hir a justiça. E se destas clausulas minguar alguma, a querella nom valha, sem a recebam a ella, ca assy o manda ElRey.” (pág. 30. Assim rezavam as Ordenações Afonsinas, antecessoras das Manuelinas, e que ainda viviam nas tradições populares. (Ordenações do Senhor Rey D. Affonso V. Coimbra, Real Imprensa da Universidade. Ano de MDCCCL. Por Resolução de S. Magestade de 2 de setembro de 1786.), v. 12.

(42) — Gil Vicente, op. cit., pág. 283 do vol. V.

(43) — *Ibidem*, pág. 284.

Evidentemente sem acreditar que houve abuso de força.

E', pois, Ana Dias a "mediadora" que apresenta maior grau de rusticidade. Sua linguagem é vulgar e rasteira seja quando se queixa do que aconteceu à filha, seja quando ouve as acusações do Sapateiro que a culpa de desencaminhar-lhe a filha. Até mesmo a apresentação que faz de si mesma, pela grosseria e enfatuamento das palavras, nos leva a crer em seu baixo nível, fazendo-nos suspeitar de que seria de origem mais baixa que as outras e também de que, alcoviteiras, as havia de várias espécies.

"Eu sou ama do Craveiro  
vezinha do Tisoureiro,  
sobrinha d'Alvarazedo.  
Dum filho daranha morta!  
E mais eu te provarei  
que hum cavalo d'elrei  
estercou à minha porta." (44).

Essa maneira rude de apregoar suas boas relações no Paço esclarecem muito bem de que plano social deveria ela proceder. Todavia, apesar de ser esta Ana Dias apresentada sob um aspecto muito mais desfavorável e condenável que as outras, Gil Vicente também não a castiga, pelo contrário, lhe dá ganho de causa na disputa com o Escudeiro, que a acusava de exploração.

### Conclusão

Como intepretarmos, pois, essa atitude de Gil Vicente? Seria êle um imoral ou apenas um profundo conhecedor da natureza humana? Conforme já tivemos ocasião de esclarecer mais atrás, inclinamo-nos para esta última alternativa. Gil Vicente deveria sentir amplamente que o comum da humanidade não entende o prazer e a felicidade senão como a satisfação dos appetites carnisais.

Não fôra essa melancólica verdade e não teriam os filósofos de todos os tempos andado sempre à procura de uma Moral Utilitarista ou Moral Hedonista, na ânsia de regradar, explicar ou justificar as mais fortes paixões do homem, que são as paixões da carne. Parece-nos isto inegável quando verificamos que, através de todos os séculos, foi sempre necessária a fomentação dos prazeres intelectuais ou espirituais e a contínua perseguição ou limitação dos prazeres materiais, a fim de que a expansão destes, em seus interesses egoisticamente individuais, não prejudicasse o equilíbrio e a ordem do convívio social.

Assim julgamos mais do que provável que, da ampla compreensão de Gil Vicente, a respeito do eterno conflito entre dever e prazer, entre alma e corpo, em que vive o homem desde que se organizou em tribos sociais, deve advir aquela tolerância que lhe sentimos na obra, dirigida às suas alcoviteiras. E' dedução primária afirmarmos que estas nasceram porque sua existência tornou-se necessária aos homens; porém essa necessidade evidencia bem a difícil solução para o problema moral e para o conflito perene entre as aspirações egoísticas do indivíduo e o equilíbrio da ordem social.

Mudam os tempos, mudam os costumes mas... sempre haverá homens que procurarão evadir-se da ordem social, valendo-se do auxílio de elementos que podem chamar-se Alcoviteiras ou Contrabandistas ou Mandados de Segurança ou... (a lista pode ser infinda, pois, a imaginação do Homem é fertilíssima).

E Gil Vicente deve ter sentido isso profundamente, quando criou as suas argutas "mediadoras"...

#### BIBLIOGRAFIA

- Gil Vicente — **Obras Completas**. Edições Sá da Costa, Lisboa, 1944. (vs. II e V).
- Auto da Moralidade da Embarcação do Inferno**. Seleção e Estudo feitos por Paulo Quintela. Coleção Atlântica, 1946, Coimbra.
- Juan Ruiz — **El Libro del Buen Amor**. Editor M. Alfredo Angulo, Buenos Aires, 1939.

Fernando Rojas — **La Celestina**. Editorial Sopena Argentina S. A.,  
4a. ed. Buenos Aires, 1958.

**Ordenações Manoelinas** — Livro V — Edição João Crôberguer, Se-  
vilha, 1539. Edição da Casa Juan Cronberguer.

**Ordenações Afonsinas** — Livro V — Coimbra, Real Imprensa da Uni-  
versidade. Ano de MDCCL.

J. de Ghellinck — **L'Essor de la Littérature Latine au XIIIe. siècle**,  
2ème. ed., Museum Lessianum, Desclée de Brouwer, Paris,  
1954 (pp. 478 a 484).

Ovídio — **Ars Amatoria**. Collection Belles Lettres, Paris, 1951.